

# DF já preferia esquerda desde 86

RAUL RAMOS

No seu primeiro teste eleitoral, Brasília mostrou que sabe votar. Elegeu para o Congresso constituinte aqueles que, de alguma forma, já tinham uma folha de serviço junto à comunidade. O poder econômico de pouco valeu, e a maioria dos candidatos que realizaram campanhas milionárias amargou uma fragorosa derrota nas urnas.

De certa forma, Brasília antecipou-se ao restante do País. Já no pleito de 1986, o eleitorado apresentava um perfil mais à esquerda, que mostrou sua força, sobretudo o PCB e o PT, além de candidatos tidos como progressistas, abrigados em outras legendas. O PDS, que apresentou durante a campanha um discurso direitista e reacionário, não convenceu nem obteve respaldo das urnas.

E mais: os que tiveram melhor desempenho individual para o Senado — Maurício Corrêa (PDT), Lauro Campos (PT) e Maerle Ferreira Lima (exPMDB, hoje no PDT), nesta ordem — se apresentaram ao eleitorado com uma campanha nitidamente à esquerda. São

candidatos potenciais ao Palácio do Buriti, nas eleições previstas para 1990.

Inexperiente em eleições, o brasileiro foi confundido ainda por uma profusão de partidos (22) e de candidatos (240) que disputavam três vagas para o Senado e oito para a Câmara. Passado o pleito, porém, verificou-se que apenas as legendas de expressão nacional conseguiram consolidar suas bases e definir sua identidade político-ideológica.

O PFL agrupou na legenda a maioria dos ex-administradores regionais. Não se apresentou exatamente como um partido, mas como um amontoado de nomes teoricamente fortes, na tentativa de conseguir votos na fatia da população menos politizada. A estratégia rendeu três cadeiras para a Câmara, e Benedito Domingos teve também surpreendente votação. Insuficiente, porém, para garantir uma vaga no Senado.

Já o PMDB apresentou um leque de candidatos de todos os matizes, que podiam ser identificados com pequenos e grandes empresários, e mesmo com os setores mais progressistas, gra-

ças à coligação com o MR-8, PCB e PC do B. Nas asas da Nova República e do Plano Cruzado, à época ainda em alta, o partido elegeram dois senadores e quatro deputados, além de Augusto Carvalho, em coligação com o PCB.

O PT pecou pelo purismo ideológico e a firmeza de princípios. Preferiu não usar o recurso da sublegenda, deixando que Lauro Campos concorresse isoladamente, enquanto Pompeu de Sousa se elegia tendo menos votos, graças aos votos do companheiro de chapa, Carlos Murilo.

O PDT também não apresentou um programa político. A campanha foi centrada no nome de Maurício Corrêa, que obteve a maior votação individual para o Senado, mas não elegeu mais ninguém do partido. As eleições revelaram também que o Plano Piloto — onde reside a população de maior poder aquisitivo — teve um comportamento mais progressista do que outras zonas eleitorais situadas nas cidades-satélites e mesmo na invasão da Vila Paranoá, que tiveram uma postura conservadora.